

Reino de Deus e missão no contexto do pluralismo religioso

Adriano Sousa Lima¹

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo refletir sobre os possíveis desafios para a prática missionária no contexto do pluralismo religioso. Ele procura identificar aproximações entre uma cristologia no pluralismo religioso, sem desvalorizar ou apagar a singularidade da perspectiva interna da fé cristã, segundo a qual Jesus Cristo permanece normativo para “o encontro com a realidade última”. Em termos epistemológicos, a teologia sofre deslocamentos em sua própria estrutura, é desconstruída e reconstruída no diálogo com seu tempo e lugar cultural. Se, por um lado, as teologias foram questionadas pelo pensamento contemporâneo, por outro lado (no momento atual) elas se confrontam com uma questão mais radical: o caráter central de Cristo, expressão primeira da fé salvadora, questionada pela pluralidade cultural e religiosa. Como anunciar o Deus de Jesus no mundo pluralista? O autor defende que o cristianismo atual é convidado a repensar seus paradigmas missionários a partir do pluralismo religioso contemporâneo. A metodologia utilizada é basicamente a pesquisa bibliográfica, em vista da elaboração de um estudo analítico-sintético.

¹ Adriano Sousa Lima é doutorando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR.

PALAVRAS-CHAVE

Missão. Cristologia. Reino de Deus. Pluralismo Religioso.

ABSTRACT

The aim of this paper is to reflect on the possible challenges to missionary practice in the context of religious pluralism. It seeks to identify similarities between christologies in the religious pluralism, without disparaging or effacing the uniqueness of the singularity of the Christian faith, according to which Jesus Christ remains normative for “the encounter with ultimate reality”. In epistemological terms, the structure of Theology has changed, and it has been deconstructed and reconstructed in its dialogue with their time and cultural place. Theologies have been questioned by contemporary thought and are also faced now with a more radical question: the central character of Christ, the primary expression of saving faith, questioned by cultural and religious plurality. How to announce the God of Jesus in a pluralistic world? The author argues that current Christianity is invited to rethink their missionary paradigms in the light of contemporary religious pluralism. The methodology used is basically bibliographic research so as to prepare an analytic-synthetic study.

KEYWORDS

Mission. Christology. Kingdom of God. Religious Pluralism.

Introdução

No atual cenário mundial em que vivemos, sem dúvida, o pluralismo cultural e religioso está estabelecido. A emergência cada vez mais clara desse pluralismo impeliu a revista *Concilium* a dedicar toda a edição 319-2007/1 para abordar de forma profunda o tema. O teólogo francês Claude Geffré, que tem uma vasta bibliografia sobre o tema do pluralismo, afirmou que desde o início ele havia observado que o horizonte da teologia do futuro e do terceiro milênio seria cada vez mais a experiência de um pluralismo religioso aparentemente insuperável².

² GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 6.

Tanto o número 319 da revista *Concilium* como a tradução recente da obra *De Babel a Pentecostes* – ensaios de uma teologia inter-religiosa, do teólogo Claude Geffré, demonstram a relevância do tema para a teologia cristã. O teólogo Manuel Hurtado, na sua recente obra *A encarnação* – o debate cristológico na teologia cristã das religiões, afirma que o cristianismo contemporâneo é convidado a manifestar sua identidade, não para fechar-se sobre si mesmo, mas para procurar compreender-se melhor no contexto do pluralismo religioso atual³.

Neste trabalho, o cristianismo será lido a partir de uma “hermenêutica libertadora” e da realidade plural que se constitui como “lugar teológico”. Ele está dividido em quatro partes: o pluralismo como fator cultural, o pluralismo religioso como paradigma da teologia, o reinocentrismo de Jesus como chave de leitura para uma cristologia no pluralismo religioso e a missão no contexto do pluralismo religioso. A partir da centralidade do Reino de Deus na vida de Jesus, é possível uma prática missionária em parceria com outras tradições religiosas, afinal, missão cristã é anunciar e promover o Reino sem excluir nenhuma pessoa, independente de sua tradição religiosa.

O pluralismo como fator Cultural

O antropólogo americano Clifford Geertz sintetiza a vasta pesquisa de Clyde Kluckhohn sobre o conceito de cultura, realizada mediante 126 diferentes definições do seguinte modo: cultura é o modo de vida global de um povo; o legado social que o indivíduo adquire de seu grupo; uma forma de pensar, sentir e acreditar; uma abstração do comportamento; uma teoria, elaborada pelo antropólogo, sobre a forma pela qual um grupo de pessoas se comportam realmente; um celeiro de aprendizagem em comum; um conjunto de orientações padronizadas para os problemas recorrentes; um comportamento aprendido; um mecanismo para a regulamentação normativa do comportamento; um conjunto de técnicas para se ajustar tanto ao ambiente externo como em relação aos outros homens; e uma sedimentação da história⁴.

³ HURTADO, Manuel. *A encarnação: debate cristológico na teologia cristã das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2012, p. 19.

⁴ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989, p. 4.

A cultura é uma totalidade complexa que abrange conhecimento, crença, arte, costume e quaisquer capacidades adquiridas pelos seres humanos como membros da sociedade⁵. Miranda, citando Gallagher, recorre a algumas imagens e descreve cultura como um oceano que nos envolve como peixe na água; o ar que respiramos que pode ser puro ou poluído; uma lente através da qual vemos, sem cairmos na conta de que não é o único modo de ver; um útero, no qual nos sentimos perfeitamente bem, sem saber que existem outros mundos; um menu existencial, já pronto ou à escolha, cada modalidade com seus limites; um parque recreativo de possibilidades, convidando-nos a uma liberdade criativa; um horizonte sempre atual, além do qual não podemos ver⁶.

A antropologia apresenta-nos concepções diversas de culturas. Para alguns antropólogos as culturas são sistemas em permanente adaptação. Geertz vê as culturas como sistemas simbólicos. Para ele qualquer ação humana e a própria vida da sociedade devem receber orientações extrínsecas, construídas socialmente por meio de símbolos⁷. Lévi-Strauss entende as culturas como sistemas estruturais, na medida em que procuram descobrir nelas os princípios mentais responsáveis pela organização do material oferecido pelo mundo físico, princípios estes que seriam comuns às diversas culturas⁸. Nesse sentido, a antropologia reflete um esforço para entender a diversidade dos povos, sendo a diversidade uma forma de conhecimento. Portanto entendemos que as variedades de definições não se opõem, mas se completam, possibilitando o pensamento plural.

Concordamos com Geertz que somos protagonistas da mudança, a utopia de coexistência harmônica entre grupos étnica e culturalmente diferenciados, e a existência de uma sociedade plural, de princípio e de fato, implica em ultrapassar a extensão dos sentidos e transformar o discurso sobre sociedade utópica em políticas e ações práticas⁹. O mundo

⁵ TYLOR, E. *Primitive culture*. London: 1871, p. 1.

⁶ MIRANDA, Mário França de. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2001, p. 43.

⁷ GEERTZ, 1989 p. 56.

⁸ LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976, p. 20.

⁹ GEERTZ, 1989 p. 10.

está a exigir “sensibilidades outras”¹⁰. O modelo ideal de sociedade nacional, com suas qualidades e seus defeitos, enfraqueceu-se, por isso, fala-se tanto do pluralismo cultural.

O mundo é plural. Essa pluralidade se manifesta na diversidade e na originalidade das identidades que caracterizam os grupos que compõem as sociedades do planeta. Para trabalhar o pluralismo cultural é preciso considerar as culturas como teia de significados que enlaçam os humanos em sua trama e os distinguem a partir do conjunto de comportamentos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam as diversas pessoas, o que abrange para além das letras e das artes, os modos de vida, as maneiras de viver e conviver, os sistemas políticos, econômicos, religiosos e sociais, as tradições, os valores e as crenças¹¹.

O pluralismo cultural não se caracteriza pela coexistência de valores e práticas culturais diferentes; menos ainda pela mestiçagem generalizada. O pluralismo cultural visa uma sociedade onde o maior número de pessoas individualmente constrói para si, e chegam a combinar de maneira sempre diferente, o que as une e o que as diferencia. O pluralismo cultural busca construir uma sociedade vigorosa, que seja capaz de reconhecer a diversidade das culturas, ao mesmo tempo em que souber fazer com que se comunique entre si, suscitando em cada um o desejo de reconhecer no outro o mesmo trabalho de construção que faz em si próprio¹².

A articulação entre igualdade e diferença é uma exigência posta pelo pluralismo cultural a todos os seres humanos. Essa exigência, por sua vez, está revestida de relevância social, pois a construção da democracia deve valorizar as diferenças de cada grupo. O espírito democrático tomou a forma de leis protetoras do pluralismo cultural¹³. Como teólogos, não podemos ficar à margem da demanda. Essa demanda, por sua vez, deverá ser crítica e criativa, por um lado, e, por outro lado, construtiva e desconstrutiva. Por razões de herança cultural com raízes arcaicas, temos a tendência de hierarquizar as diferenças, valorizando uns mais e outros menos. Gefrre lembra que o mito de Babel, a diversidade das línguas e,

¹⁰ GEERTZ, 1989 p. 12.

¹¹ GEERTZ, 1989 p. 68.

¹² TOURAINE, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998, 1998 p. 217.

¹³ TOURAINE, 1998 p. 192.

portanto, das culturas está essencialmente sob o signo da ambiguidade em relação ao desígnio único de Deus¹⁴. O teólogo norte americano David Tracy chama atenção para o fato de que “numa cultura historicamente consciente, o fato do pluralismo cultural é reconhecido e afirmado”. Portanto a mensagem de libertação que a teologia cristã propõe deve passar pelo reconhecimento das riquezas culturais que estão além do nosso olhar. É preciso reconhecer para libertar.

O pluralismo religioso como paradigma da Teologia

Paradigma, como nos tornou familiar Thomas Kuhn, é um conceito proveniente do mundo das ciências. Um modelo global, a pré-compreensão segundo a qual se auto organiza o conjunto. Conforme vimos anteriormente, o paradigma do pluralismo está operando na cultura em geral, portanto nas religiões, entre elas, o cristianismo e, também, na teologia. Nesse momento, a nossa reflexão quer fundamentar o pluralismo religioso como paradigma da teologia a partir da concepção do teólogo católico Claude Geffré. Este afirmou que “não há teologia fora de uma inscrição na história e na cultura”¹⁵. Já o teólogo protestante Paul Tillich, na última conferência antes da sua morte, em 12 de outubro de 1965, expressou o desejo de reescrever sua Sistemática sob o paradigma do pluralismo religioso.

Em termos epistemológicos, a teologia sofre deslocamentos em sua própria estrutura, é desconstruída e reconstruída no diálogo com seu tempo e lugar cultural. Se, por um lado, as teologias foram questionadas pelo pensamento contemporâneo, por outro lado (no momento atual) se confrontam com uma questão mais radical: reinterpretar algumas verdades fundamentais do cristianismo como, por exemplo, o caráter central de Cristo, expressão primeira da fé salvadora, questionada pela pluralidade cultural e religiosa.

A teologia deve tomar cada vez mais a sério o horizonte do pluralismo religioso, o retorno religioso e a vitalidade das grandes religiões não

¹⁴ GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 135.

¹⁵ GEFFRÉ, 2013, p. 26.

cristãs. A emergência cada vez mais clara do pluralismo, a ponto de se desenhar novo paradigma, impele uma reflexão, ensaiando nova linguagem. A teologia elaborada do ponto de vista do paradigma pluralista é concretamente uma teologia pluralista libertadora, a partir da perspectiva e da opção pelos pobres¹⁶. Para o teólogo francês Claude Geffré, as questões que a coexistência com as grandes tradições religiosas coloca ao cristianismo é uma questão quase mais temível que a questão do ateísmo e da indiferença religiosa¹⁷.

O principal teólogo católico do século XX Karl Rahner, em conferência dada em Baviera, em abril de 1961, falava na necessidade de um “catolicismo aberto”. Na ocasião já dizia que este pluralismo não podia ser entendido apenas como “dado de fato”, mas que deveria ser levado a sério e situado na “unidade vasta e complexa da concepção cristã da existência”. Estava aberto o caminho para a compreensão da legitimidade das outras tradições religiosas no desígnio salvífico de Deus. No campo da teologia protestante também Wolfhart Pannenberg e Paul Tillich haviam percebido essa nova perspectiva¹⁸.

É evidente que toda mudança é demasiado difícil e espinhosa. Ao longo dos séculos, a teologia cristã esteve acostumada e acomodada com o paradigma exclusivista. Ainda em tempos contemporâneos, o magistério da Igreja Católica tem emitido documentos dentro desse paradigma (*Dominus Iesus*). Portanto evidentemente, a reflexão teológica realizada dentro do novo paradigma deverá enfrentar muitos obstáculos. Como corajosamente enfatizou Geffré, “o magistério romano tem horror ao pluralismo e o compreende, sobretudo como uma ideologia que conduz ao relativismo”¹⁹.

O diálogo ecumênico iniciado há aproximadamente sessenta anos quebrou certo absolutismo católico e favoreceu o diálogo com as outras grandes religiões (islã, judaísmo e as religiões do oriente). É sabido que

¹⁶ SUSIN, Luis Carlos. Emergência e urgência do novo paradigma pluralista. *Concilium* – Revista Internacional de Teologia, 2007/1, p. 7.

¹⁷ GEFFRÉ, 2004, p. 132.

¹⁸ TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. *Concilium* – Revista internacional de Teologia, 2007/1, p. 24.

¹⁹ GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã. *Concilium* – Revista internacional de Teologia, 311, 2005/3, p. 20.

tal processo foi difícil e lento. Dessa forma, temos que concordar com Geffré que precisamos de tempo para mudar nossos velhos hábitos de pensamento e compreender que um diálogo franco e aberto não conduz necessariamente ao relativismo²⁰.

Ao refletir sobre a vitalidade das religiões não cristãs, Geffré lembra que é preciso perguntar se a mesma se deve simplesmente à cegueira e ao pecado dos seres humanos, a certo fracasso da missão cristã, ou se este pluralismo religioso corresponde a uma vontade misteriosa de Deus²¹. O pluralismo religioso é um sinal dos tempos, uma criação divina²². O pluralismo religioso é como um destino histórico permitido por Deus cujo significado último nos escapa²³. Dito assim é preciso afirmar o pluralismo religioso como novo paradigma da teologia do século XXI, ao qual a reflexão cristã não pode escapar.

O teólogo brasileiro Faustino Teixeira afirma ser o pluralismo religioso um fenômeno incontestável da nossa época e um dos desafios fundamentais da teologia cristã. Talvez o grande desafio do nosso tempo. Nas palavras de Teixeira, “é uma tarefa difícil, exigente e provocadora”²⁴. Por um lado, a responsabilidade da teologia cristã na era do pluralismo religioso e cultural é de promover um cristianismo que seja lugar de fecundação mútua e criadora entre os recursos de certa tradição cristã e as riquezas antropológicas; por outro lado, essa mesma teologia, à luz do paradigma pluralista, deverá revisitar os grandes capítulos de toda a dogmática cristã. A seguir, vamos refletir sobre o capítulo que é considerado o mais difícil dentro desse paradigma: A possibilidade de uma cristologia pluralista.

O Reino de Deus como chave para uma cristologia no pluralismo religioso

De acordo com o que vimos no tópico anterior, o pluralismo religioso emerge como novo paradigma da teologia, provocando uma mudança

²⁰ GEFFRÉ, 2004, p. 134.

²¹ GEFFRÉ, 2004, p. 136.

²² SUSIN, 2007, p. 9.

²³ GEFFRÉ, 2004, p. 136.

²⁴ TEIXEIRA, 2007, p. 27.

substantiva na forma corrente da reflexão teológica e questionando parâmetros até então inquestionáveis, entre os quais a questão da universalidade de Jesus Cristo. Na questão cristológica, para citar Vigil, reside o *punctum dolens* da construção de uma cristologia pluralista²⁵. É preciso ainda enfatizar que a cristologia constitui o tema central e ponto crucial da teologia cristã. De acordo com Hans Kessler, ela é a chave para todos os outros temas da teologia²⁶. Nossa intuição é apresentar o Reino de Deus como fundamento para uma cristologia do pluralismo religioso.

O exegeta americano John P. Meier, logo no início do segundo volume da obra “Um judeu marginal”, chama atenção para que ninguém fique surpreendido pelo fato de ele começar o estudo sobre a vida de Jesus com o tópico da proclamação do Reino de Deus. Meier cita o teólogo alemão Joachim Jeremias, que afirmou ser o Reino de Deus o tema central da proclamação pública de Jesus²⁷.

Para Meier, o Reino de Deus era um componente significativo da mensagem de Jesus. Conforme esse exegeta, isso fica evidente pelo número e pela amplitude de ocorrências da expressão em suas falas, satisfazendo com sobras o critério da múltipla confirmação das fontes²⁸. Nas palavras do próprio Meier “para dizer o mínimo, o Reino de Deus era um componente importante da mensagem de Jesus”²⁹.

O teólogo americano Paul Knitter³⁰ cita a definição de Reino de Deus de Edward Schillebeeckx:

O reino de Deus é a presença salvífica de Deus, ativa e encorajadora, tal como é afirmada e acolhida entre os homens e mulheres. É uma presença salvífica oferecida por Deus e aceita livremente por

²⁵ VIGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia. Para uma releitura pluralista do cristianismo. *Concilium* – Revista internacional de Teologia, 319, 2007/1, p. 37.

²⁶ KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Vol. 1 Petrópolis: Vozes, 2008, p. 219.

²⁷ MEIER John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*. Vol. 2, livro 2. Rio de Janeiro: Imago, 1997, p. 10.

²⁸ MEIER, 1997, p. 10.

²⁹ MEIER, 1997, p. 12.

³⁰ KNITTER, Paul. *Jesus e os Outros Nomes. Missão cristã e responsabilidade global*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010, p.118.

homens e mulheres, que assume sua forma concreta, sobretudo nas relações de justiça e paz, entre indivíduos e povos, no desaparecimento da doença, da injustiça e da opressão, na restauração da vida de tudo que está morto e morrendo. O reino de Deus é uma nova relação mudada (metanoia) de homens e mulheres com Deus, cujo lado tangível e visível é um novo tipo de relação libertadora entre homens e mulheres numa sociedade de reconciliação num ambiente natural de paz.

A definição de Reino de Deus do eminente teólogo holandês Edward Schillebeeckx é bastante sugestiva para esta reflexão: o Reino de Deus como nova relação de homens e mulheres que desejam viver com liberdade e dignidade. É essa exatamente a proposta de Jesus: libertar as pessoas de tudo quanto as desumaniza e as faz sofrer. Tal proposta não estar circunscrita aos muros religiosos, mas diz respeito a toda humanidade, fazendo do caminho de Jesus uma encruzilhada de muitos caminhos e não um centrismo fechado. O teólogo alemão Wolfhart Pannenberg está de acordo com Schillebeeckx no sentido de que o Reino de Deus há de trazer a concretização definitiva do direito e da paz na comunhão da humanidade³¹. Os seres humanos vivendo com liberdade, dignidade, em paz e comunhão é, portanto, o estado absoluto de felicidade indicado pelo Reino de Deus³².

A proclamação do Reino de Deus tal como anunciada por Jesus de Nazaré está absolutamente de acordo com a proposta de uma cristologia do pluralismo religioso. Seguindo a consideração de Hurtado³³, de que “a teologia cristã das religiões deverá levar em consideração a existência do homem Jesus”, é importante lembrar que Jesus nos apresenta uma nova imagem de Deus a partir da proclamação do Reino de Deus.

Conforme a interpretação moldada pela doutrina da retribuição, Deus prepara a ceia eterna da salvação de Isaías 25.6-8 somente para os justos. Os injustos e principalmente os pagãos são excluídos da salvação. Concordamos com Hans Kessler de que o Deus de Jesus ignora a noção de vingança contra os pagãos. O teólogo alemão, fundamentado

³¹ PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Vol. 3. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2009, p. 85.

³² SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008, p. 135.

³³ HURTADO, 2012, p. 186.

em passagens bíblicas tais como Lc 13.1-5, afirma que Jesus rejeita a divisão das pessoas em justas e pecadoras, por que todas, sem exceção, são pecadoras e perdidas. Na sequência³⁴, questiona-se: como ainda será possível a salvação? E nos brinda com a seguinte afirmação:

João Batista pregava a conversão como possibilidade de escapar da sujeição e juízo. Jesus, pelo contrário, ousa anunciar a nova realidade da salvação instituída por Deus, sem pressupostos e limites, que coerentemente também está aberta aos pagãos (Mt 8.11). Deus faz nascer o sol sobre justos e injustos, e o senhorio de sua bondade que agora se aproxima (Mc 10.18), destina-se irrestritamente a todas as pessoas... O perdão precede a conversão, e é ele quem a torna possível. A salvação é pura graça, só por que não tem pressupostos, é que ela pode ser universal.

De fato, é uma mensagem radical de salvação que está profundamente ligada à experiência profunda que Jesus tinha de Deus. O Reino de Deus é evidência de salvação para todas as pessoas que se abrem à promessa de Jesus. Uma vez acolhida a oferta gratuita do Reino de Deus, estamos libertos para aceitar o outro, o estrangeiro, o de outra tradição religiosa, para além de toda aceitação e inimizade³⁵.

Dessa forma, verificamos a importância de uma verdadeira concepção de Deus, que deverá sempre passar pelo Deus de Jesus, que é o Deus do Reino. Portanto, com Roger Haight podemos afirmar que as pessoas que não conseguem reconhecer a verdade salvífica de outras religiões podem implicitamente estar operando com uma concepção de Deus distante da criação. O Reino de Deus, mais que uma pertença de uma tradição religiosa, está ligado ao futuro da criação. Conforme Haight, Jesus medeia um encontro com um Deus que está imanentemente presente em todas as religiões, e o autor completa: Jesus atesta a imanência de Deus. Em Jesus, estamos fundamentados a falar de um cristologia pluralista, justamente pelo fato de que a mediação basilar da presença e da salvação de Deus à humanidade é Jesus de Nazaré³⁶.

³⁴ KESSLER, 2008, p. 245.

³⁵ KESSLER, 2008 p. 246.

³⁶ HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 476.

A teologia da missão no contexto do pluralismo religioso

A apresentação da concepção de Reino de Deus e a perspectiva cristológica realizada no tópico anterior constitui base fundamental para refletir sobre a missão nesse contexto de pluralismo religioso. Afinal, o que é fazer missão na perspectiva do reinado de Deus nesse mundo multifacetado cultural e religiosamente? E especificamente no Brasil, como a religião cristã haverá de cumprir com a ordem missionária em um país onde a multiplicação das religiões acontece de forma assustadora? Todavia, afirmamos com Libanio que o Brasil acorda para o diálogo inter-religioso no momento em que as estatísticas apontam para o despertar das religiões afro-brasileiras que andavam soterradas pela dominação branca³⁷.

Logo de início, é importante destacar que o pensamento missionário, tanto católico como protestante, aprofundaram a conceito ‘salvação’. Bosch lembra que a exclamação de Lutero “onde posso encontrar um Deus misericordioso?” no atual contexto foi transformada em “como poderemos ser próximos misericordiosos uns para os outros?”. Para Bosch, a relação salvífica do ser humano com Deus se concretiza em sua conversão para o irmão ou a irmã. E continua o autor: “a salvação não vem mediante a transformação de indivíduos, mas pela erradicação de estruturas pervertidas e injustas”³⁸.

A interpretação de salvação que emergiu no pensamento e prática missionários recentes introduziu nessa definição elementos sem os quais ela seria bastante estreita. No mundo em que vivemos, as pessoas precisam umas das outras e cada indivíduo existe em uma rede de relacionamentos inter-humanos, por isso, é de todo inviável limitar a salvação ao indivíduo e a seu relacionamento pessoal com Deus³⁹. Dessa forma, ódio, injustiça, opressão, guerra e outras formas de violência constituem manifestações do mal. E a prática missionária que tem como horizonte o Reino de Deus, precisa combater todas e quaisquer formas de violência.

³⁷ LIBANIO, João Batista. *Olhando para o futuro: prospectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.

³⁸ BOSCH, David. *Missão transformadora. Mudança de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo RS: Sinodal, 1991, p. 474.

³⁹ BOSCH, 1991 p. 475.

A vitória sobre tudo que desumaniza o ser humano faz parte da salvação que esperamos. No entanto, não estamos afirmando que a salvação final é produto das mãos humanas. Não estamos de nenhuma forma excluindo o caráter transcendente da salvação nem a necessidade de chamar às pessoas à fé em Deus através de Cristo. Mas queremos, sim, afirmar a necessidade de assumirmos o caráter integral da salvação, uma salvação mais abrangente do que tem sido tradicionalmente.

A prática missionária no atual contexto deverá levar em consideração a categoria Reino de Deus, categoria que estava no centro da missão de Jesus. Concordamos com o eminente teólogo alemão Karl Rahner quando afirma que “Jesus pregou o Reino de Deus e não a si mesmo”⁴⁰. E com o missiólogo David Bosch podemos afirmar que “a missão na perspectiva do reinado de Deus inclui fazer pessoas pobres, negligenciadas e desprezadas ficar de pé novamente, tendo recuperado sua humanidade plena perante Deus e as pessoas”. Na missão de Jesus, o reinado de Deus é interpretado como expressão da autoridade solícita de Deus sobre a totalidade da vida⁴¹. O Reino de Deus está no centro de todo o ministério de Jesus. Está no centro da compreensão de sua missão. Com Bosch, podemos dizer que, para Jesus, o reinado de Deus é o ponto de partida e contexto para a missão⁴².

O importante nessa perspectiva do reinado de Deus como horizonte do ministério missionário de Jesus é que a própria concepção de missão é modificada. Se em outros contextos, o Reino de Deus era comparado à Igreja ou mesmo a uma religião específica, portanto você fazia parte do Reino de Deus na medida em que pertencia a uma determinada Igreja ou religião, no atual contexto, onde o pluralismo religioso está estabelecido, todas as religiões estão a serviço do Reino de Deus. Na medida em que cada religião trabalha em favor da liberdade humana, da promoção da vida em todos os aspectos e do bem comum, cada religião dá continuidade na missão de Jesus, que era anunciar eminentemente o Reino do seu pai.

Nessa nova perspectiva, construir o Reino de Deus significa trabalhar para a libertação do mal sob todas as suas formas. Para Bosch⁴³, a

⁴⁰ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 298.

⁴¹ BOSCH, 1991 p. 56.

⁴² BOSCH, 1991 p. 52.

⁴³ BOSCH, 1991 p. 53.

natureza missionária do ministério de Jesus se revela numa característica fundamental, a saber: ele desencadeia um ataque geral ao mal em todas as suas manifestações. O reinado de Deus chega onde o poder do mal é superado. E esse é um trabalho missionário. Libertar as pessoas de todo poder do mal, concedendo-lhes a salvação plena, foi a razão da vida e morte de Jesus. Na época de Jesus, bem como no presente, o mal assumia muitas formas: dor, doença, morte, possessão demoníaca, pecado e imoralidade pessoais, a insensível convicção da própria justiça por parte das pessoas que pretendem conhecer a Deus, a manutenção de privilégios especiais de classe, a fragmentação de relacionamentos humanos⁴⁴. E a missão de Jesus era demonstrar o amor de Deus que liberta o ser humano e dar vida em abundância. É interessante ainda destacar que para Bosch nós não podemos nos surpreender pelo o fato de os evangelistas utilizarem termos ‘religiosos’ para descrever o que Jesus fez face à doença, possessão demoníaca e exploração. Um desses termos é ‘salvar’. Por isso, Bosch deixa claro que no ministério missionário de Jesus não há tensão entre salvar do pecado e salvar de enfermidades físicas, entre o espiritual e o social. Da mesma forma, o termo ‘perdão’ inclui desde a libertação de escravos até o cancelamento de dívidas monetárias, libertação escatológica e o perdão de pecados⁴⁵.

Com o Reino de Deus como principal objetivo do esforço missionário, e com a felicidade de todas as criaturas como meta primordial da missão, missionários cristãos devem descobrir que o seu modo de ver outras religiões precisa ser reorientado. Esta reorientação deve ser mais do que uma mudança visionária que ocorreu, sobretudo na teologia católico-romana desde o Concílio Vaticano II – deixando de perceber outras religiões como “obras do diabo” que tinham que ser abolidas para abordá-las como prováveis caminhos de salvação que podem e devem ser afirmados como caminhos legítimos da graça salvadora.

Dessa forma, é possível afirmar com Jacques Dupuis que nada fornece ao pluralismo religioso uma base teológica tão profunda e uma motivação tão verdadeira quanto à convicção de que, apesar das diferenças que os distinguem, os membros das diversas tradições religiosas caminham

⁴⁴ BOSCH, 1991, p. 54.

⁴⁵ BOSCH, 1991, p. 54.

juntos rumo a plenitude do Reino, rumo a nova humanidade querida por Deus para o fim dos tempos⁴⁶. Portanto, a dimensão missionária da Igreja evoca um envolvimento direto com a sociedade, todos juntos, trabalhando em prol da justiça e da paz, pois isso é fazer missões em tempos de pluralismo cultural e religioso.

Conclusão

O teólogo Manuel Hurtado, em sua obra “*Encarnação, debate cristológico na teologia das religiões*”, lembra que, ao contrário do que é afirmado por alguns teólogos, manter o caráter normativo da cristologia é essencial no pluralismo religioso⁴⁷. Essa afirmação do jesuíta boliviano está em plena concordância com a proposta do jesuíta americano Roger Haight, que propõe a tese segundo a qual a normatividade de Jesus não exclui uma avaliação positiva do pluralismo religioso. Por isso, estamos habilitados a afirmar que o argumento fundamental em favor da verdade e da autenticidade do poder salvífico das outras religiões provém do testemunho de Jesus Cristo centralizado na sua pregação e experiência do Reino de Deus⁴⁸.

A exegese está certa de que as falas mais importantes de Jesus sobre a presença do Reino contêm referências às suas ações e práticas. Portanto para Jesus, anunciar que Deus reina, significa dizer que Ele executa sua função divina como criador soberano. O Deus de Jesus é, portanto, o Deus do reino que dá salvação e felicidade aos seres humanos que ele criou para a vida. Aqui temos o fundamento da mensagem do Reino de Deus tal como anunciada por Jesus: um Deus que dá vida e quer a felicidade plena de todos os seres humanos. Se estiver correta a nossa interpretação, podemos afirmar que o humano autêntico evocado por Geffré⁴⁹ como fundamento para o pluralismo religioso é exatamente a proposta da mensagem do Reino de Deus. O Reino de Deus é, portanto, a chave

⁴⁶ DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999, p. 474.

⁴⁷ HURTADO, 2012, p. 165.

⁴⁸ HAIUGHT, 2003, p. 473.

⁴⁹ GEFFRÉ, 2013, p. 109.

hermenêutica para uma cristologia em chave pluralista que busca dialogar com todas as outras tradições religiosas, com a intenção única de se colocar a serviço da humanização total e completa da humanidade. O diálogo por sua vez, não é um substituto nem um subterfúgio para a missão. Não podemos vê-los nem como idênticos nem como opostos. Não é verdade que para haver diálogo é preciso excluir a missão ou vice-versa. Existe uma correspondência entre ambos que é muito impressionante. Nem diálogo nem missão estão trafegando em rua de mão única. Nenhum dos dois é inflexivelmente dogmático, intolerante ou manipulador. Em ambos, o compromisso com a fé pressupõe o respeito pelos outros. Portanto “afirmamos que o testemunho não impede o diálogo, mas o convida, e que o diálogo não impede o testemunho, mas o estende e aprofunda”⁵⁰.

Referências Bibliográficas

- BOSCH, David. *Missão transformadora. Mudança de paradigmas na teologia da missão*. São Leopoldo RS: Sinodal, 2002 (1991).
- DUPUIS, Jacques. *Rumo a uma teologia do pluralismo religioso*. São Paulo: Paulinas, 1999.
- GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GEFFRÉ, Claude. *Crer e interpretar: a virada hermenêutica da teologia*. Petrópolis: Vozes, 2004.
- GEFFRÉ, Claude. *De Babel a Pentecostes: ensaios de teologia inter-religiosa*. São Paulo: Paulus, 2013.
- GEFFRÉ, Claude. A crise da identidade cristã. *Concilium – Revista internacional de Teologia*, 311, 2005/3.
- HAIGHT, Roger. *Jesus, símbolo de Deus*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- HURTADO, Manuel. *A encarnação: debate cristológico na teologia cristã das religiões*. São Paulo: Paulinas, 2012.
- KESSLER, Hans. Cristologia. In: SCHNEIDER, Theodor. *Manual de Dogmática*. Vol. 1. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 217-400.
- KNITTER, Paul. *Jesus e os Outros Nomes. Missão cristã e responsabilidade global*. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

⁵⁰ BOSCH, 1991 p. 581.

- LÉVI-STRAUSS, Claude. *Antropologia Estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1976.
- LIBANIO, João Batista. *Olhando para o futuro: perspectivas teológicas e pastorais do cristianismo na América Latina*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MEIER John P. *Um Judeu marginal. Repensando o Jesus histórico*. Vol. 2, livro 2. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- MIRANDA, Mário França de. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- PANNENBERG, Wolfhart. *Teologia Sistemática*. Vol. 3. Santo André: Academia Cristã/Paulus, 2009.
- RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus, a história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2008.
- SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de dogmática*. Vol.1. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SUSIN, Luis Carlos. Emergência e urgência do novo paradigma pluralista. *Concilium – Revista Internacional de Teologia*, 2007/1, p. 7-13.
- TEIXEIRA, Faustino. O pluralismo religioso como novo paradigma para as religiões. *Concilium – Revista internacional de Teologia*, 2007/1, p. 24-32.
- TOURAINÉ, Alain. *Poderemos viver juntos? Iguais e diferentes*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- TRACY, David. *A imaginação analógica. A teologia cristã e a cultura do pluralismo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2004.
- TYLOR, E. *Primitive culture*. London: 1871.
- VIGIL, José Maria. O paradigma pluralista: tarefas para a teologia. Para uma releitura pluralista do cristianismo. *Concilium – Revista internacional de Teologia*, 319, 2007/1, p. 33-42.

Submetido em: 14/05/2014

Aceito em: 29/05/2015